

Questões objetivas

Filosofia - Capítulo 1

1 2017 • A representação de Demócrito é semelhante à de Anaxágoras, na medida em que um infinitamente múltiplo é a origem; mas nele a determinação dos princípios fundamentais aparece de maneira tal que contém aquilo que para o que foi formado não é, absolutamente, o aspecto simples para si. Por exemplo, partículas de carne e de ouro seriam princípios que, através de sua concentração, formam aquilo que aparece como figura.

HEGEL, G. W. F. *Crítica moderna*. In: SOUZA, J. C. (Org.). *Os pré-socráticos: vida e obra*. São Paulo: Nova Cultural, 2000 (adaptado).

O texto faz uma apresentação crítica acerca do pensamento de Demócrito, segundo o qual o "princípio constitutivo das coisas" estava representado pelo(a)

- (a) número, que fundamenta a criação dos deuses.
- (b) devir, que simboliza o constante movimento dos objetos.
- (c) água, que expressa a causa material da origem do universo.
- (d) imobilidade, que sustenta a existência do ser atemporal.
- (e) átomo, que explica o surgimento dos entes.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 1

1. E

Filosofia - Capítulo 2

1 2012 • Capítulo 2 ▶

TEXTO I

Anaxímenes de Mileto disse que o ar é o elemento originário de tudo o que existe, existiu e existirá, e que outras coisas provêm de sua descendência. Quando o ar se dilata, transforma-se em fogo, ao passo que os ventos são ar condensado. As nuvens formam-se a partir do ar por fелtragem e, ainda mais condensadas, transformam-se em água. A água, quando mais condensada, transforma-se em terra, e quando condensada ao máximo possível, transforma-se em pedras.

Burnet, J. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006. (Adapt.).

TEXTO II

Basílio Magno, filósofo medieval, escreveu: "Deus, como criador de todas as coisas, está no princípio do mundo e dos tempos. Quão parcas de conteúdo se nos apresentam, em face desta concepção, as especulações contraditórias dos filósofos, para os quais o mundo se origina, ou de algum dos quatro elementos, como ensinam os Jônios, ou dos átomos, como julga Demócrito. Na verdade, dão a impressão de quererem ancorar o mundo numa teia de aranha."

Gilson, E.; Boehner, P. *História da Filosofia Cristã*. São Paulo: Vozes, 1991. (Adapt.).

Filósofos dos diversos tempos históricos desenvolveram teses para explicar a origem do universo, a partir de uma explicação racional. As teses de Anaxímenes, filósofo grego antigo, e de Basílio, filósofo medieval, têm em comum na sua fundamentação teorias que:

- (a) eram baseadas nas ciências da natureza.
- (b) refutavam as teorias de filósofos da religião.
- (c) tinham origem nos mitos das civilizações antigas.
- (d) postulavam um princípio originário para o mundo.
- (e) defendiam que Deus é o princípio de todas as coisas.

1 2015 • A filosofia grega parece começar com uma ideia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário deter-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado de crisálida, está contido o pensamento: Tudo é um.

NETZSCHE, F. *Crítica moderna*. In: *Os pré-socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

O que, de acordo com Nietzsche, caracteriza o surgimento da filosofia entre os gregos?

- (a) O impulso para transformar, mediante justificativas, os elementos sensíveis em verdades racionais.
- (b) O desejo de explicar, usando metáforas, a origem dos seres e das coisas.
- (c) A necessidade de buscar, de forma racional, a causa primeira das coisas existentes.
- (d) A ambição de expor, de maneira metódica, as diferenças entre as coisas.
- (e) A tentativa de justificar, a partir de elementos empíricos, o que existe no real.

3 2017 • Uma conversação de tal natureza transforma o ouvinte; o contato de Sócrates paralisa e embaraça: leva a refletir sobre si mesmo, a imprimir à atenção uma direção incomum: os temperamentais, como Alcibíades, sabem que encontrarão junto dele todo o bem de que são capazes, mas fogem porque receiam essa influência poderosa, que os leva a se censurarem. É sobretudo a esses jovens, muitos quase crianças, que ele tenta imprimir sua orientação.

BRÉHIER, E. *História da filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

O texto evidencia características do modo de vida socrático, que se baseava na

- (a) contemplação da tradição mítica.
- (b) sustentação do método dialético.
- (c) relativização do saber verdadeiro.
- (d) valorização da argumentação retórica.
- (e) investigação dos fundamentos da natureza.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 2

1. D 1. C 3. B

3 2016

TEXTO I

Fragmento B91: Não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, nem substância mortal alcançar duas vezes a mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança, dispersa e de novo reúne.

HERÁCLITO. Fragmentos (Sobre a natureza). São Paulo: Abril Cultural, 1996 (adaptado).

TEXTO II

Fragmento B8: São muitos os sinais de que o ser é ingênuo e indestrutível, pois é compacto, inabalável homogêneo, uno, contínuo. Como poderia o que é perecer? Como poderia gerar-se?

PARMÊNIDES. Da natureza. São Paulo: Loyola, 2002 (adaptado).

Os fragmentos do pensamento pré-socrático expõem uma oposição que se insere no campo das

- (a) investigações do pensamento sistemático.
- (b) preocupações do período mitológico.
- (c) discussões de base ontológica.
- (d) habilidades da retórica sofisticada.
- (e) verdades do mundo sensível.

7 2017 • Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem. Mas não terá o conhecimento, porventura, grande influência sobre essa vida? Se assim é, esforçemo-nos por determinar, ainda que em linhas gerais apenas, o que seja ele e de qual das ciências ou faculdades constitui o objeto. Ninguém duvidará de que o seu estudo pertença à arte mais prestigiosa e que mais verdadeiramente se pode chamar a arte mestra. Ora, a política mostra ser dessa natureza, pois é ela que determina quais as ciências que devem ser estudadas num Estado, quais são as que cada cidadão deve aprender, e até que ponto; e vemos que até as faculdades tidas em maior apreço, como a estratégia, a economia e a retórica, estão sujeitas a ela. Ora, como a política utiliza as demais ciências e, por outro lado, legisla sobre o que devemos e o que não devemos fazer, a finalidade dessa ciência deve abranger as das outras, de modo que essa finalidade será o bem humano.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. In: Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (adaptado).

Para Aristóteles, a relação entre o sumo bem e a organização da pólis pressupõe que

- (a) o bem dos indivíduos consiste em cada um perseguir seus interesses.
- (b) o sumo bem é dado pela fé de que os deuses são os portadores da verdade.
- (c) a política é a ciência que precede todas as demais na organização da cidade.
- (d) a educação visa formar a consciência de cada pessoa para agir corretamente.
- (e) a democracia protege as atividades políticas necessárias para o bem comum.

6 2018

A quem não basta pouco, nada basta.

EPICURO. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

Remanescente do período helenístico, a máxima apresentada valoriza a seguinte virtude:

- (a) Esperança, tida como confiança no porvir.
- (b) Justiça, interpretada como retidão de caráter.
- (c) Temperança, marcada pelo domínio da vontade.
- (d) Coragem, definida como fortitude na dificuldade.
- (e) Prudência, caracterizada pelo correto uso da razão.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 3

3. C 7. C 6. C

Filosofia - Capítulo 4

2 2012 • Capítulo 4 ► É verdade que nas democracias o povo parece fazer o que quer; mas a liberdade política não consiste nisso. Deve-se ter sempre presente em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proíbem, não teria mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder.

Montesquieu. Do Espírito das Leis. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1997. (Adapt.).

A característica de democracia ressaltada por Montesquieu diz respeito

- (a) ao status de cidadania que o indivíduo adquire ao tomar as decisões por si mesmo.
- (b) ao condicionamento da liberdade dos cidadãos à conformidade às leis.
- (c) à possibilidade de o cidadão participar no poder e, nesse caso, livre da submissão às leis.
- (d) ao livre-arbítrio do cidadão em relação àquilo que é proibido, desde que ciente das consequências.
- (e) ao direito do cidadão exercer sua vontade de acordo com seus valores pessoais.

2 2014 • Compreende-se assim o alcance de uma reivindicação que surge desde o nascimento da cidade na Grécia antiga: a redação das leis. Ao escrevê-las, não se faz mais que assegurar-lhes permanência e fixidez. As leis tornam-se bem comum, regra geral, suscetível de ser aplicada a todos da mesma maneira.

VERNANT, J. P. As origens do pensamento grego. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992 (adaptado).

Para o autor, a reivindicação atendida na Grécia antiga, ainda vigente no mundo contemporâneo, buscava garantir o seguinte princípio:

- (a) Isonomia – igualdade de tratamento aos cidadãos.
- (b) Transparência – acesso às informações governamentais.
- (c) Tripartição – separação entre os poderes políticos estatais.
- (d) Equiparação – igualdade de gênero na participação política.
- (e) Elegibilidade – permissão para candidatura aos cargos públicos.

TEXTO I

Olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil; nós, cidadãos atenienses, decidimos as questões públicas por nós mesmos na crença de que não é o debate que é empecilho à ação, e sim o fato de não se estar esclarecido pelo debate antes de chegar a hora da ação.

TUCÍDIDES. *História do Guerra do Peloponeso*. Brasília: UnB, 1987 (adaptado).

TEXTO II

Um cidadão integral pode ser definido por nada mais nada menos que pelo direito de administrar justiça e exercer funções públicas; algumas destas, todavia, são limitadas quanta ao tempo de exercício, de tal modo que não podem de forma alguma ser exercidas duas vezes pela mesma pessoa, ou somente podem sê-lo depois de certos intervalos de tempo prefixados.

ARISTÓTELES. *Política*. Brasília: UnB, 1985.

Comparando os textos I e II, tanto para Tucídides (no século V a.C.) quanta para Aristóteles (no século IV a.C.), a cidadania era definida pelo(a)

- prestígio social.
- acúmulo de riqueza.
- participação política.
- local de nascimento.
- grupo de parentesco.

12 2018 • *Desde que tenhamos compreendido o significado da palavra "Deus", sabemos, de imediato, que Deus existe. Com efeito, essa palavra designa uma coisa de tal ordem que não podemos conceber nada que lhe seja maior. Ora, o que existe na realidade e no pensamento é maior do que o que existe apenas no pensamento. Donde se segue que o objeto designado pela palavra "Deus", que existe no pensamento, desde que se entenda essa palavra, também existe na realidade. Por conseguinte, a existência de Deus é evidente.*

TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

O texto apresenta uma elaboração teórica de Tomás de Aquino caracterizada por

- reiterar a ortodoxia religiosa contra os heréticos.
- sustentar racionalmente doutrina alicerçada na fé.
- explicar as virtudes teológicas pela demonstração.
- flexibilizar a interpretação oficial dos textos sagrados.
- justificar pragmaticamente crença livre de dogmas.

13 2018 • *Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual aqueles que nos dizem: "Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava", dizem eles, "por que não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda a ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n'Ele aparece uma vontade que antes não existia?"*

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

A questão da eternidade, tal como abordada pelo autor, é um exemplo da reflexão filosófica, sobre a(s)

- essência da ética cristã.
- natureza universal da tradição.
- certezas inabaláveis da experiência.
- abrangência da compreensão humana.
- interpretações da realidade circundante.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 4

2. B 2. A 3. C 12. B 13. D

Filosofia - Capítulo 5

7 2012 • **Capítulo 5** ► *Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de conhecimento é um objeto de razão e não de sensação, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.*

Zingano, M. *Platão e Aristóteles: o fascínio da filosofia*. São Paulo: Odisseus, 2012. (Adapt.).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427 a.C.-346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

- Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.
- Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.
- Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.
- Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.
- Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

8 2014



SANZIO, R. Detalhe do afresco *A Escola de Atenas*. Disponível em: <http://fil.cfh.ufsc.br>. Acesso em: 20 mar. 2013.

No centro da imagem, o filósofo Platão é retratado apontando para o alto. Esse gesto significa que o conhecimento se encontra em uma instância na qual o homem descobre a

- suspensão do juízo como reveladora da verdade.
- realidade inteligível por meio do método dialético.
- salvação da condição mortal pelo poder de Deus.
- essência das coisas sensíveis no intelecto divino.
- ordem intrínseca ao mundo por meio da sensibilidade.

9 2015 • *Trasímaco estava impaciente porque Sócrates e os seus amigos presumiam que a justiça era algo real e importante. Trasímaco negava isso. Em seu entender, as pessoas acreditavam no certo e no errado apenas por terem sido ensinadas a obedecer às regras da sua sociedade. No entanto, essas regras não passavam de invenções humanas.*

RACHELS, J. *Problemas da filosofia*. Lisboa: Gradiva, 2009.

O sofista Trasímaco, personagem imortalizado no diálogo *A República*, de Platão, sustentava que a correlação entre justiça e ética é resultado de

- (a) determinações biológicas impregnadas na natureza humana.
- (b) verdades objetivas com fundamento anterior aos interesses sociais.
- (c) mandamentos divinos inquestionáveis legados das tradições antigas.
- (d) convenções sociais resultantes de interesses humanos contingentes.
- (e) sentimentos experimentados diante de determinadas atitudes humanas.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 5

7. D 8. B 9. D

Filosofia - Capítulo 6

8 2013 • *Capítulo 6* ► *A felicidade é, portanto, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não devem estar separados como na inscrição existente em Delfos "das coisas, a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; porém a mais doce é ter o que amamos". Todos estes atributos estão presentes nas mais excelentes atividades, e entre essas a melhor, nós a identificamos como felicidade.*

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

Ao reconhecer na felicidade a reunião dos mais excelentes atributos, Aristóteles a identifica como:

- (a) busca por bens materiais e títulos de nobreza.
- (b) plenitude espiritual e ascese pessoal.
- (c) finalidade das ações e condutas humanas.
- (d) conhecimento de verdades imutáveis e perfeitas.
- (e) expressão do sucesso individual e reconhecimento público.

16 2018

Texto I

Tudo aquilo que é válido para um tempo de guerra, em que todo homem é inimigo de todo homem, é válido também para o tempo durante o qual os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força e invenção.

HOBBS, T. *Leviatã*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

Texto II

Não vamos concluir, com Hobbes que, por não ter nenhuma ideia de bondade, o homem seja naturalmente mau. Esse autor deveria dizer que, sendo o estado de natureza aquele em que o cuidado de nossa conservação é menos prejudicial à dos outros, esse estado era, por conseguinte, o mais próprio à paz e o mais conveniente ao gênero humano.

ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993 (adaptado).

Os trechos apresentam divergências conceituais entre autores que sustentam um entendimento segundo o qual a igualdade entre os homens se dá em razão de uma

- (a) predisposição ao conhecimento.
- (b) submissão ao transcendente.
- (c) tradição epistemológica.
- (d) condição original.
- (e) vocação política.

17 2018 • *O século XVIII é, por diversas razões, um século diferenciado. Razão e experimentação se aliavam no que se acreditava ser o verdadeiro caminho para o estabelecimento do conhecimento científico, por tanto tempo almejado. O fato, a análise e a indução passavam a ser parceiros fundamentais da razão. É ainda no século XVIII que o homem começa a tomar consciência de sua situação na história.*

ODALIA, N. In: PINSKY, J.; PINSKY, C. B. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

No ambiente cultural do Antigo Regime, a discussão filosófica mencionada no texto tinha como uma de suas características a

- (a) aproximação entre inovação e saberes antigos.
- (b) conciliação entre revelação e metafísica platônica.
- (c) vinculação entre escolástica e práticas de pesquisa.
- (d) separação entre teologia e fundamentalismo religioso.
- (e) contraposição entre clericalismo e liberdade de pensamento.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 6

8. C 16. D 17. E

Filosofia - Capítulo 7

14 2015 • *Ora, em todas as coisas ordenadas a algum fim, é preciso haver algum dirigente, pelo qual se atinja diretamente o devido fim. Com efeito, um navio, que se move para diversos lados pelo impulso dos ventos contrários, não chegaria ao fim de destino, se por indústria do piloto não fosse dirigido ao porto; ora, tem o homem um fim, para o qual se ordenam toda sua vida e ação. Acontece, porém, agirem os homens de modos diversos em vista do fim, o que a própria diversidade dos esforços e ações humanas comprova. Portanto, precisa o homem de um dirigente para o fim.*

AQUINO, T. *Do reino ou do governo dos homens: ao rei do Chipre. Escritos políticos de São Tomás de Aquino*. Petrópolis: Vozes, 1995 (adaptado).

No trecho citado, Tomás de Aquino justifica a monarquia como o regime de governo capaz de

- (a) refrear os movimentos religiosos contestatórios.
- (b) promover a atuação da sociedade civil na vida política.
- (c) unir a sociedade tendo em vista a realização do bem comum.
- (d) reformar a religião por meio do retorno à tradição helenística.
- (e) dissociar a relação política entre os poderes temporal e espiritual.

19 2017 • *Uma pessoa vê-se forçada pela necessidade a pedir dinheiro emprestado. Sabe muito bem que não poderá pagar, mas vê também que não lhe emprestarão nada se não prometer firmemente pagar em prazo determinado. Sente a tentação de fazer a promessa; mas tem ainda consciência bastante para perguntar a si mesma; não é proibido e contrário ao dever livrar-se de apuros desta maneira? Admitindo que se decida a fazê-lo, a sua máxima de ação seria: quando julgo estar em apuros de dinheiro, vou pedi-lo emprestado e prometo pagá-lo, embora saiba que tal nunca sucederá.*

KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

De acordo com a moral kantiana, a "falsa promessa de pagamento" representada no texto

- (a) assegura que a ação seja aceita por todos a partir da livre discussão participativa.
- (b) garante que os efeitos das ações não destruam a possibilidade da vida futura na terra.
- (c) opõe-se ao princípio de que toda ação do homem possa valer como norma universal.
- (d) materializa-se no entendimento de que os fins da ação humana podem justificar os meios.
- (e) permite que a ação individual produza a mais ampla felicidade para as pessoas envolvidas.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 7

14. C 19. C

Filosofia - Capítulo 8

12 2012 • Capítulo 8 ▶

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004. (Adapt.).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume:

- (a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- (b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- (c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- (d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- (e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

10 2013 • Capítulo 8 ▶

TEXTO I

Há já algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão muito duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Adapt.).

TEXTO II

É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (Adapt.).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se:

- (a) retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.
- (b) questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.
- (c) investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.
- (d) buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.
- (e) encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

11 2013 • Capítulo 8 ▶ *Os produtos e seu consumo constituem a meta declarada do empreendimento tecnológico. Essa meta foi proposta pela primeira vez no início da Modernidade, como expectativa de que o homem poderia dominar a natureza. No entanto, essa expectativa, convertida em programa anunciado por pensadores como Descartes e Bacon e impulsionado pelo Iluminismo, não surgiu "de um prazer de poder", "de um mero imperialismo humano", mas da aspiração de libertar o homem e de enriquecer sua vida, física e culturalmente.*

CUPANI, A. A tecnologia como problema filosófico: três enfoques. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 2, n. 4, 2004 (Adapt.).

Autores da filosofia moderna, notadamente Descartes e Bacon, e o projeto iluminista concebem a ciência como uma forma de saber que almeja libertar o homem das intempéries da natureza. Nesse contexto, a investigação científica consiste em:

- (a) expor a essência da verdade e resolver definitivamente as disputas teóricas ainda existentes.
- (b) oferecer a última palavra acerca das coisas que existem e ocupar o lugar que outrora foi da filosofia.
- (c) ser a expressão da razão e servir de modelo para outras áreas do saber que almejam o progresso.
- (d) explicitar as leis gerais que permitem interpretar a natureza e eliminar os discursos éticos e religiosos.
- (e) explicar a dinâmica presente entre os fenômenos naturais e impor limites aos debates acadêmicos.

12 2014 • *É o caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.*

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

Apesar de questionar os conceitos da tradição, a dúvida radical da filosofia cartesiana tem caráter positivo por contribuir para o(a)

- (a) dissolução do saber científico.
- (b) recuperação dos antigos juízos.
- (c) exaltação do pensamento clássico.
- (d) surgimento do conhecimento inabalável.
- (e) fortalecimento dos preconceitos religiosos.

13 2014 • *A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras; sem eles, vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto.*

GALILEI, G. *O ensaiador. Os pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

No contexto da Revolução Científica do século XVII, assumir a posição de Galileu significava defender a

- (a) continuidade do vínculo entre ciência e fé dominante na Idade Média.
- (b) necessidade de o estudo lingüístico ser acompanhado do exame matemático.
- (c) oposição da nova física quantitativa aos pressupostos da filosofia escolástica.
- (d) importância da independência da investigação científica pretendida pela Igreja.
- (e) inadequação da matemática para elaborar uma explicação racional da natureza.

16 2016 • *Nunca nos tomaremos matemáticos, por exemplo, embora nossa memória possua todas as demonstrações feitas por outros, se nosso espírito não for capaz de resolver toda espécie de problemas; não nos tornariamos Aristóteles, sem poder formular um juízo sólido sobre o que nos é proposto. Assim, de fato, pareceríamos ter aprendido, não ciências, mas histórias.*

DESCARTES, R. *Alegrias para a orientação do espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Em sua busca pelo saber verdadeiro, o autor considera o conhecimento, de modo crítico, como resultado da

- (a) investigação de natureza empírica.
- (b) retomada da tradição intelectual.
- (c) imposição de valores ortodoxos.
- (d) autonomia do sujeito pensante.
- (e) liberdade do agente moral.

17 2016 • *Pirro afirmava que nada é nobre nem vergonhoso, justo ou injusto; e que, da mesma maneira, nada existe do ponto de vista da verdade; que os homens agem apenas segundo a lei e o costume, nada sendo mais isto do que aquilo. Ele levou uma vida de acordo com esta doutrina, nada procurando evitar e não se desviando do que quer que fosse, suportando tudo, carroças, por exemplo, precipícios, cães, nada deixando ao arbítrio dos sentidos.*

LAÉRCIO, D. *Idéias e sentenças dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UnB, 1988.

O ceticismo, conforme sugerido no texto, caracteriza-se por:

- (a) Desprezar quaisquer convenções e obrigações da sociedade.
- (b) Atingir o verdadeiro prazer como o princípio e o fim da vida feliz.
- (c) Defender a indiferença e a impossibilidade de obter alguma certeza.
- (d) Aceitar o determinismo e ocupar-se com a esperança transcendente.
- (e) Agir de forma virtuosa e sábia a fim de enaltecer o homem bom e belo.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 8

12. E 10. B 11. C 12. D 13. C 16. D 17. C

Filosofia - Capítulo 9

20 2015 • *Todo o poder criativo da mente se reduz a nada mais do que a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos fornecem os sentidos e a experiência. Quando pensamos em uma montanha de ouro, não fazemos mais do que juntar duas ideias consistentes, ouro e montanha, que já conhecíamos.*

Podemos conceber um cavalo virtuoso, porque somos capazes de conceber a virtude a partir de nossos próprios sentimentos, e podemos unir a isso a figura e a forma de um cavalo, animal que nos é familiar.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

Hume estabelece um vínculo entre pensamento e impressão ao considerar que

- (a) os conteúdos das ideias no intelecto têm origem na sensação.
- (b) o espírito é capaz de classificar os dados da percepção sensível.
- (c) as ideias fracas resultam de experiências sensoriais determinadas pelo acaso.
- (d) os sentimentos ordenam como os pensamentos devem ser processados na memória.
- (e) as ideias tem como fonte específica o sentimento cujos dados são colhidos na empiria.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 9

20. A

18 2011 • Capítulo 10 ▶ *O brasileiro tem noção clara dos comportamentos éticos e morais adequados, mas vive sob o espectro da corrupção, revela pesquisa. Se o país fosse resultado dos padrões morais que as pessoas dizem aprovar, parecia mais com a Escandinávia do que com Bruzundanga (corrompida nação fictícia de Lima Barreto).*

P. Fraga. Ninguém é inocente. Folha de S.Paulo, 4 out. 2009. (Adapt.).

O distanciamento entre "reconhecer" e "cumprir" efetivamente o que é moral constitui uma ambiguidade inerente ao humano, porque as normas morais são:

- (a) decorrentes da vontade divina e, por esse motivo, utópicas.
- (b) parâmetros idealizados, cujo cumprimento é destituído de obrigação.
- (c) amplas e vão além da capacidade de o indivíduo conseguir cumpri-las integralmente.
- (d) criadas pelo homem, que concede a si mesmo a lei à qual deve se submeter.
- (e) cumpridas por aqueles que se dedicam inteiramente a observar as normas jurídicas.

17 2012 • Capítulo 10 ▶ *Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma condição estranha, continuam, no entanto, de bom grado menores durante toda a vida.*

Kant, I. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? Petrópolis: Vozes, 1985. (Adapt.).

Kant destaca no texto o conceito de Esclarecimento, fundamental para a compreensão do contexto filosófico da Modernidade. Esclarecimento, no sentido empregado por Kant, representa

- (a) a reivindicação de autonomia da capacidade racional como expressão da maioridade.
- (b) o exercício da racionalidade como pressuposto menor diante das verdades eternas.
- (c) a imposição de verdades matemáticas, com caráter objetivo, de forma heterônoma.
- (d) a compreensão de verdades religiosas que libertam o homem da falta de entendimento.
- (e) a emancipação da subjetividade humana de ideologias produzidas pela própria razão.

16 2013 • Capítulo 10 ▶ *Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém, todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento, malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.*

KANT, I. Crítica da razão pura. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (Adapt.).

O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana na filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que:

- (a) assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.
- (b) defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.
- (c) revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.
- (d) apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.
- (e) refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

18 2014 • Panayiotis Zavos "quebrou" o último tabu da clonagem humana – transferiu embriões para o útero de mulheres, que os gerariam. Esse procedimento é crime em inúmeros países. Aparentemente, o médico possuía um laboratório secreto, no qual fazia seus experimentos. "Não tenho nenhuma dúvida de que uma criança clonada irá aparecer em breve. Posso não ser eu o médico que irá criá-la, mas vai acontecer", declarou Zavos. "Se nos esforçarmos, podemos ter um bebê clonado daqui a um ano, ou dois, mas não sei se é o caso. Não sofremos pressão para entregar um bebê clonado ao mundo. Sofremos pressão para entregar um bebê clonado saudável ao mundo."

CONNOR, S. Disponível em: www.independent.co.uk. Acesso em: 14 ago. 2012 (adaptado).

A clonagem humana é um importante assunto de reflexão no campo da bioética que, entre outras questões, dedica-se a

- (a) refletir sobre as relações entre o conhecimento da vida e os valores éticos do homem.
- (b) legitimar o predomínio da espécie humana sobre as demais espécies animais no planeta.
- (c) relativizar, no caso da clonagem humana, o uso dos valores de certo e errado, de bem e mal.
- (d) legalizar, pelo uso das técnicas de clonagem, os processos de reprodução humana e animal.
- (e) fundamentar técnica e economicamente as pesquisas sobre células-tronco para uso em seres humanos.

19 2014 • Uma norma só deve pretender validade quando todos os que possam ser concernidos por ela cheguem (ou possam chegar), enquanto participantes de um discurso prático, a um acordo quanto à validade dessa norma.

HABERMAS, J. Condição moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

Segundo Habermas, a validade de uma norma deve ser estabelecida pelo(a)

- (a) liberdade humana, que consagra a vontade.
- (b) razão comunicativa, que requer um consenso.
- (c) conhecimento filosófico, que expressa a verdade.
- (d) técnica científica, que aumenta o poder do homem.
- (e) poder político, que se concentra no sistema partidário.

GABARITO:**Filosofia - Capítulo 10**

18. D 17. A 16. A 18. A 19. B

Filosofia - Capítulo 12**20** 2011 - Capítulo 12 ▶**TEXTO I**

A ação democrática consiste em todos tomarem parte do processo decisório sobre aquilo que terá consequência na vida de toda coletividade.

S. Gallo, et al. *Ética e Odontologia. Caminhos da Filosofia*. Campinas: Papirus, 1997 (Adapt.).

TEXTO II

É necessário que haja liberdade de expressão, fiscalização sobre órgãos governamentais e acesso por parte da população às informações trazidas a público pela imprensa.

Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 24 abr. 2010.

Partindo da perspectiva de democracia apresentada no Texto I, os meios de comunicação, de acordo com o Texto II, assumem um papel relevante na sociedade por:

- orientarem os cidadãos na compra dos bens necessários à sua sobrevivência e bem-estar.
- fornecerem informações que fomentam o debate político na esfera pública.
- apresentarem aos cidadãos a versão oficial dos fatos.
- propiciarem o entretenimento, aspecto relevante para conscientização política.
- promoverem a unidade cultural, por meio das transmissões esportivas.

19 2013 - Capítulo 12 ▶ *O edifício é circular. Os apartamentos dos prisioneiros ocupam a circunferência. Você pode chamá-los, se quiser, de celas. O apartamento do inspetor ocupa o centro; você pode chamá-lo, se quiser, de alojamento do inspetor. A moral reformada: a saúde preservada; a indústria revigorada; a instrução difundida; os encargos públicos aliviados; a economia assentada, como deve ser, sobre uma rocha; o nó górdio da Lei sobre os Pobres não cortado, mas desfeito – tudo por uma simples ideia de arquitetura!*

BENTHAM, J. *O panóptico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Essa é a proposta de um sistema conhecido como panóptico, um modelo que mostra o poder da disciplina nas sociedades contemporâneas, exercido preferencialmente por mecanismos:

- religiosos, que se constituem como um olho divino controlador que tudo vê.
- ideológicos, que estabelecem limites pela alienação, impedindo a visão da dominação sofrida.
- repressivos, que perpetuam as relações de dominação entre os homens por meio da tortura física.
- sutis, que adestram os corpos no espaço-tempo por meio do olhar como instrumento de controle.
- consensuais, que pactuam acordos com base na compreensão dos benefícios gerais de se ter as próprias ações controladas.

23 2014

Veja também em: História • Livro 1 • Frente 2 • Capítulo 3

Alguns dos desejos são naturais e necessários; outros, naturais e não necessários; outros, nem naturais e nem necessários, mas nascidos de vã opinião. Os desejos que não nos trazem dor se não satisfeitos não são necessários, mas o seu impulso pode ser facilmente desfeito, quando é difícil obter sua satisfação ou parecem geradores de dano.

EPICURO DE SAMOS, *Doutrinas principais*. In: SANSON, V. F. *Textos de filosofia*. Rio de Janeiro: EdUFF, 1974.

No fragmento da obra filosófica de Epicuro, o homem tem como fim

- alcançar o prazer moderado e a felicidade.
- valorizar os deveres e as obrigações sociais.
- aceitar o sofrimento e o rigorismo da vida com resignação.
- refletir sobre os valores e as normas dadas pela divindade.
- defender a indiferença e a impossibilidade de se atingir o saber.

30 2016 • *Vi os homens sumirem-se numa grande tristeza. Os melhores cansaram-se das suas obras. Proclamou-se uma doutrina e com ela circulou uma crença: Tudo é oco, tudo é igual, tudo passou! O nosso trabalho foi inútil; o nosso vinho tornou-se veneno; o mau olhar amareleceu-nos os campos e os corações. Secamos de todo, e se caísse fogo em cima de nós, as nossas cinzas voariam em pó. Sim; cansamos o próprio fogo. Todas as fontes secaram para nós, e o mar retirou-se. Todos os solos se querem abrir, mas os abismos não nos querem tragar!*

NETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Edouro, 1977.

O texto exprime uma construção alegórica, que traduz um entendimento da doutrina niilista, uma vez que

- reforça a liberdade do cidadão.
- desvela os valores do cotidiano.
- exorta as relações de produção.
- destaca a decadência da cultura.
- amplifica o sentimento de ansiedade.

31 2016 • *A promessa da tecnologia moderna se converteu em uma ameaça, ou esta se associou àquela de forma indissolúvel. Ela vai além da constatação da ameaça física. Concebida para a felicidade humana, a submissão da natureza, na sobremedida de seu sucesso, que agora se estende à própria natureza do homem, conduziu ao maior desafio já posto ao ser humano pela sua própria ação. O novo continente da práxis coletiva que adentramos com a alta tecnologia ainda constitui, para a teoria ética, uma terra de ninguém.*

IONAS, H. *O princípio da responsabilidade*. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2011 (adaptado).

As implicações éticas da articulação apresentada no texto impulsionam a necessidade de construção de um novo padrão de comportamento, cujo objetivo consiste em garantir o(a)

- pragmatismo da escolha individual.
- sobrevivência de gerações futuras.
- fortalecimento de políticas liberais.
- valorização de múltiplas etnias.
- promoção da inclusão social.

32 2016 • *Sentimos que toda satisfação de nossos desejos advinda do mundo assemelha-se à esmola que mantém hoje o mendigo vivo, porém prolonga amanhã a sua fome. A resignação, ao contrário, assemelha-se à fortuna herdada: livra o herdeiro para sempre de todas as preocupações.*

SCHOPENHAUER, A. *Adiviso para a sabedoria do viúvo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

O trecho destaca uma ideia remanescente de uma tradição filosófica ocidental, segundo a qual a felicidade se mostra indissociavelmente ligada à

- (a) consagração de relacionamentos afetivos.
- (b) administração da independência interior.
- (c) fugacidade do conhecimento empírico.
- (d) liberdade de expressão religiosa.
- (e) busca de prazeres efêmeros.

33 2016

Ser ou não ser — eis a questão.

Morrer — dormir — Dormir! Talvez sonhar. Ai está o obstáculo!

Os sonhos que hão de vir no sono da morte

Quando tivermos escapado ao tumulto vital

Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão

Que dá à desventura uma vida tão longa.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre

- (a) consciência de si e angústia humana.
- (b) inevitabilidade do destino e incerteza moral.
- (c) tragicidade da personagem e ordem do mundo.
- (d) racionalidade argumentativa e loucura iminente.
- (e) dependência paterna e impossibilidade de ação.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 12

20. B 19. D 23. A 30. D 31. B 32. B 33. A

Filosofia - Capítulo 14

25 2017 • *O conceito de democracia, no pensamento de Habermas, é construído a partir de uma dimensão procedimental, calcada no discurso e na deliberação. A legitimidade democrática exige que o processo de tomada de decisões políticas ocorra a partir de uma ampla discussão pública, para somente então decidir. Assim, o caráter deliberativo corresponde a um processo coletivo de ponderação e análise, permeado pelo discurso, que antecede a decisão.*

VITALE, D. Jürgen Habermas, modernidade e democracia deliberativa. *Cadernos do CRH (UFBA)*, v. 19, 2006 (adaptado).

O conceito de democracia proposto por Jürgen Habermas pode favorecer processos de inclusão social. De acordo com o texto, é uma condição para que isso aconteça o(a)

- (a) participação direta periódica do cidadão.
- (b) debate livre e racional entre cidadãos e Estado.
- (c) interlocução entre os poderes governamentais.
- (d) eleição de lideranças políticas com mandatos temporários.
- (e) controle do poder político por cidadãos mais esclarecidos.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 14

25. B

Filosofia - Capítulo 15

27 2017 • *A moralidade, Bentham exortava, não é uma questão de agradar a Deus, muito menos de fidelidade a regras abstratas. A moralidade é a tentativa de criar a maior quantidade de felicidade possível neste mundo. Ao decidir o que fazer, deveríamos, portanto, perguntar qual curso de conduta promoveria a maior quantidade de felicidade para todos aqueles que serão afetados.*

RACHELS, J. *Os elementos da filosofia moral*. Barueri-SP: Manole, 2006.

Os parâmetros da ação indicados no texto estão em conformidade com uma

- (a) fundamentação científica de viés positivista.
- (b) convenção social de orientação normativa.
- (c) transgressão comportamental religiosa.
- (d) racionalidade de caráter pragmático.
- (e) inclinação de natureza passional.

29 2018 • *O filósofo reconhece-se pela posse inseparável do gosto da evidência e do sentido da ambiguidade. Quando se limita a suportar a ambiguidade, esta se chama equívoco. Sempre aconteceu que, mesmo aqueles que pretenderam construir uma filosofia absolutamente positiva, só conseguiram ser filósofos na medida em que, simultaneamente, se recusaram o direito de se instalar no saber absoluto. O que caracteriza o filósofo é o movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber, e um certo repouso neste movimento.*

MERLEAU-PONTY, M. *Elogio da filosofia*.

Lisboa: Guimarães, 1998 (adaptado).

O texto apresenta um entendimento acerca dos elementos constitutivos da atividade do filósofo, que se caracteriza por

- (a) reunir os antagonismos das opiniões ao método dialético.
- (b) ajustar a clareza do conhecimento ao inatismo das ideias.
- (c) associar a certeza do intelecto à imutabilidade da verdade.
- (d) conciliar o rigor da investigação à inquietude do questionamento.
- (e) compatibilizar as estruturas do pensamento aos princípios fundamentais.

30 2018 • *Um dos teóricos da democracia moderna, Hans Kelsen, considera elemento essencial da democracia real (não da democracia ideal, que não existe em lugar algum) o método da seleção dos líderes, ou seja, a eleição. Exemplar, neste sentido, é a afirmação de um juiz da Corte Suprema dos Estados Unidos, por ocasião de uma eleição de 1902: "A cabine eleitoral é o templo das instituições americanas, onde cada um de nós é um sacerdote, ao qual é confiada a guarda da arca da aliança e cada um officia do seu próprio altar".*

BOBBIO, N. *Teoria geral da política*.

Rio de Janeiro: Elsevier, 2000 (adaptado).

FILOSOFIA ▶ Ciências Humanas e suas Tecnologias

As metáforas utilizadas no texto referem-se a uma concepção de democracia fundamentada no(a)

- (a) justificação teísta do direito.
- (b) rigidez da hierarquia de classe.
- (c) ênfase formalista na administração.
- (d) protagonismo do Executivo no poder.
- (e) centralidade do indivíduo na sociedade.

GABARITO:

Filosofia - Capítulo 15

27. D 29. D 30. E